



Globo/Estevan Avellar

Ao lado de Caroline Dallarosa como Cléber e Anjinha, casal sensação de Malhação — Toda forma de amar

Lourival Ribeiro/SBT



Elenco da novela Chiquititas

Globo/João Miguel Júnior



Marcelo (Lucas Leto), Tenório (Murilo Benício), Zuleica (Aline Borges), Roberto (Cauê Campos) e Renato (Gabriel Santana): personagens da novela Pantanal

fez, você não quer copiar e vai para um caminho completamente diferente, o que pode não ser interessante. Para que se prender a querer fazer igual porque foi algo muito legal, quando você pode ir por um caminho diferente e encontrar coisas que são tão boas quanto? Quis criar o meu também, sem tantas referências.

Muito se critica a falta de autores negros no mercado e o fato de sempre termos autores brancos escrevendo sobre os problemas de negros...

Quando a gente fala de negritude no Brasil, não falamos só da cor da pele, e, sim, de uma experiência de vida. Apesar de ela poder ser entendida e compartilhada empaticamente, só quem passa entende. Chega a ser uma diferença cultural, como a sociedade te enxerga e como você enxerga a sociedade. Existem poucos autores de pele preta escrevendo, é um mercado desproporcional. Acho que todas as instituições precisam pensar por esse lado, mas a iniciativa precisa ocorrer. Óbvio que uma pessoa de pele preta consegue transformar em arte o cotidiano dela de uma forma muito melhor, mas acredito que a mudança no Bruno Luperi foi muito bem vinda para a novela.

Como está sendo essa relação entre vocês e o autor Bruno Luperi? Houve uma troca?

A iniciativa de bater no peito e falar: 'Olha, na primeira versão, a família do Tenório era branca, mas vamos contemporizar isso, afinal mais de 50% da população do Brasil é preta, então esse núcleo é de família preta'... Achei isso muito bom, as pessoas têm que tomar essa iniciativa antirracista, e o Bruno Luperi, desde o começo, se tornou muito aberto a isso. Quando recebemos o texto, algumas vezes víamos a intenção do Bruno de escrever aquilo, mas poderia ser dito de uma maneira que ficasse mais real ou melhor contextualizada. Desde aquele dia, entramos em contato com ele, fizemos reuniões e criamos um grupo no WhatsApp para falar sobre isso. Ele sempre se mostrou muito aberto e, desde então, tem sido um trabalho muito bom para a gente, de conversa e parceria. A gente sabe que, em algumas situações, o Bruno entende na teoria, mas, na prática, pode ser mais complicado. Ele sempre nos dá liberdade para deixar as coisas do nosso jeito.

Como é sua relação com a natureza?

Nos centros urbanos, as coisas acontecem no tempo do ser humano, como ele disse para acontecer. Tudo é mega rápido, você não tem um segundo para respirar. Uma vez eu estava andando na rua e todo mundo estava andan-

do rápido, e eu comecei a fazer isso também. Depois, pensei: 'Por que estou andando rápido? Não estou atrasado, tenho tempo.' Nos centros urbanos, tem essa tendência de que qualquer segundo que você perde você não está fazendo nada, precisa ocupar 100% do seu tempo sempre. E aqui não. No Pantanal, seguimos o tempo da natureza, que é mais devagar e aproveitado, de apreciação e contemplação mesmo. Às vezes, eu entro nessa crise de 'por que eu não estou fazendo nada?'. Depois paro para pensar e percebo que não preciso estar assim, eu posso ficar tranquilo e pensar sobre a vida, ouvindo o que estou pensando. Eu me peguei várias vezes prestando atenção no que eu estava pensando. Em São Paulo, você nunca para. Está sempre trabalhando, saindo para encontrar os amigos, no celular. Esse tempo para parar e se ouvir está sendo deliciosamente bom.

Você também fez o remake de Chiquititas. Qual é o segredo para que o remake não soe datado ou seja uma mera cópia do original?

Acho que se uma história foi criada e fez sucesso a ponto de precisar fazer o remake, é legal entender a importância da novela. Em Chiquititas e em Pantanal eu assisti a coisas antigas para entender, sabe? Se você não entende o trabalho que está fazendo, o público também não entende. Entender o texto, a energia das cenas, os diretores, o porquê o público gostou tanto da primeira obra é fundamental. O importante é não pitar (risos). A primeira versão de qualquer novela era datada de um tempo. Pantanal da década de 1990 foi escrita daquela forma porque fazia sentido naquele tempo aquela atuação. Hoje em dia, talvez não faça mais, ou faça menos, ou faça total sentido. Então, é você entender por que aquilo foi daquela forma e, a partir disso, criar o seu. O tempo muda e evolui, se tornando necessário fazer alguns ajustes.

Além de Chiquititas, você fez Z4 e Malhação — Toda forma de amar. Apesar de uma participação em Carcereiros, considera Pantanal seu primeiro trabalho sem ser voltado para o público juvenil?

Posso dizer que é meu primeiro trabalho que vai ao ar que não seja voltado para o público infantil. Gosto muito da minha carreira como um todo. Acho que evolui muito com ela. Comecei com 13 anos em Chiquititas, e acho que não teria a carga dramática para fazer algo que não fosse voltado para o público infantil. Acabando Chiquititas comecei a estudar teatro, sou formado em artes cênicas. Ao longo disso, fiz Z4 e Malhação, que são para o público jovem. Fui amadurecendo com meus personagens e entendendo a carga dramática deles. Hoje, em Pantanal, com 22 anos, sendo um homem preto e formado, acho que tenho carga dramática e experiência para conseguir fazer um personagem que nem esse com propriedade e excelência. Talvez, há dois anos, eu não tivesse isso. Olho minha carreira e penso como legal tem sido. Eu gravei, em 2021, um filme que ainda não foi lançado que conta a história do rapper Hungria, um cara muito batalhador e persistente. Ele saiu da periferia de Brasília, batalhou e venceu, é uma pessoa super humilde e super cabeça.

» Leia a entrevista completa no blog *Próximo Capítulo*